



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE
EDUCAÇÃO
SANTA MARIA – RS
COLÉGIO ESTADUAL MANOEL RIBAS
Rua José do Patrocínio, 85
maecocosm@terra.com.br
Fone/Fax: 0xx.55.3221.3105



AULA PROGRAMADA ÁREA: ENSINO RELIGIOSO TURMAS 1º ANOS – TODOS

PROFESSORES: EDINARA QUINHONES LOMBARDO, FABRÍCIO DORNELES, LUCIANO SCHEFFER, JUCIANE FRAGOSO SENTENA VARGAS, RAFAEL KAPRON E VINÍCIUS BERTOLO

1) PLANO DE AÇÃO:

1.1) Objetivos:

- Compreender a necessidade de separar os conhecimentos baseados na crença e o método científico.

1.2) Justificativa:

- Auxiliar o aluno na tarefa de contrapor, articular e elencar os conhecimentos de base científica, voltados ao entendimento da natureza e de si mesmo, relativizando as matérias de crença e conhecimentos anticientíficos que se espalham através das redes sociais.

1.3) Atividades a serem trabalhadas:

- Leitura de texto sobre terraplanismo (material base)
- Audição de podcast (material auxiliar)
- Exercícios de fixação – respostas subjetivas

1.4) Data para execução: 01/05/2020 a 30/05/2020.

1.5) Estratégias para o controle de frequência do aluno:

- Entrega dos materiais no retorno das aulas presenciais

MATERIAL 1 – Texto do jornal El País

VOCÊ NÃO PODE CONVENCER UM TERRAPLANISTA E ISSO DEVERIA TE PREOCUPAR

Negar o formato esférico da Terra é o caso mais extremo de um fenômeno que define esta época: desconfiar dos dados, enaltecer a subjetividade, rejeitar o que nos contradiz e acreditar em falsidades

Tem gente que acredita que a Terra não é uma esfera achatada nos polos, e sim um disco. Que a Terra é plana. Não é analfabetismo: são pessoas que estudaram o Sistema Solar e seus planetas no colégio, mas que nos últimos anos decidiram que todo esse negócio da “bola” é uma gigantesca manipulação. Apenas 66% dos jovens de 18 a 24 anos nos Estados Unidos têm plena certeza de que vivemos em um planeta esférico (76% na faixa de 25 a 34 anos). Trata-se de um fenômeno global, também presente no Brasil, que costuma ser motivo de piada. No entanto, quando observamos os mecanismos psicológicos, sociais e culturais que

levam as pessoas a se convencerem dessa gigantesca conspiração, descobrimos uma metáfora perfeita que resume os problemas mais representativos de nossa época. Embora pareça medieval, é muito atual.

Rejeição da ciência e dos especialistas, narrações maniqueístas que explicam o complexo em tempos de incerteza, entronização da opinião própria acima de tudo, desprezo pelos argumentos que a contradigam, difusão de falsidades graças aos algoritmos das redes sociais... está tudo aí. “É o caso mais extremo, o mais puro”, resume Josep Lobera, especialista em sociologia dos fenômenos pseudocientíficos. Cada debilidade ou atitude desse coletivo está presente, de algum modo, em muitos dos movimentos políticos, sociais e anticiência que irrompem em nossos dias.

“[O fenômeno] nasce da desconfiança em relação ao conhecimento especializado e de uma maneira errada de entender o ceticismo”, afirma Susana Martínez-Conde, diretora do laboratório de Neurociência Integrada da Universidade Estadual de Nova York. Os estudos sobre os terraplanistas e outras teorias da conspiração indicam que eles acreditam ser os que agem com lógica e raciocínio científico. Em muitos casos, acabam presos na conspiração após tentar desmontá-la. “É absurdo. Vou desmentir que a Terra é plana”, diz Mark Sargent, um dos mais reconhecidos terraplanistas, no documentário que retrata o coletivo à perfeição, *A Terra é Plana* (Netflix). E acabou “afundando, como em um poço de piche”. A maioria dos terraplanistas não foi convencida; eles se convenceram ao se verem incapazes de demonstrar que, sob os seus pés, há uma bola de 510 milhões de quilômetros quadrados.

“Pesquise isso você mesmo”, dizem uns aos outros, como relata a psicóloga Asheley Landrum, da Universidade Texas Tech, que há duas semanas apresentou o resultado de seus estudos sobre os terraplanistas na Associação Americana para o Avanço da Ciência. O primeiro slide da conferência é uma imagem de Copérnico, pai da ideia de que a Terra orbita ao redor do Sol, reconhecendo que estava errado após passar cinco horas vendo vídeos terraplanistas no YouTube. Porque, segundo Landrum e sua equipe, que analisa esses fenômenos no projeto *Crenças Alternativas*, o YouTube é a chave. Todos os terraplanistas se fazem terraplanistas vendo outros terraplanistas no YouTube. E, uma vez que fazem parte dessa comunidade, é quase impossível convencê-los do seu erro, pois são ativados mecanismos psicológicos muito poderosos, como o pensamento motivado. Ou seja: eu só aceito como válidos os dados que me reafirmam; todos os demais são manipulações dos conspiradores. Como em outros movimentos, se a ciência me contradiz, então a ciência se vendeu.

“O YouTube parece ser a amálgama da comunidade da Terra Plana”, conclui equipe em seu trabalho mais recente, apontando essa plataforma de vídeos como a origem das vocações “conspiranoicas”. O grupo liderado por Landrum entrevistou a cerca de 30 participantes da Conferência Internacional da Terra Plana, e todos descreveram o YouTube como “uma fonte confiável de evidências” e um dos provedores mais populares para “notícias imparciais”, frente aos veículos manipulados. Havia se tornado terraplanistas vendo vídeos na plataforma nos três anos anteriores. Muitos deles contaram que estavam assistindo a vídeos sobre outras conspirações (o 11 de Setembro, por exemplo) e foram atraídos pela história da Terra plana graças às recomendações do YouTube.

“[O fenômeno] nasce da desconfiança em relação ao conhecimento especializado e de uma maneira errada de entender o ceticismo”, afirma Martínez-Conde

Muitos especialistas denunciaram como o algoritmo de recomendações do YouTube acaba se transformando numa espiral descendente rumo a conteúdos cada vez mais extremistas, manipuladores e tóxicos. E esse caso não é uma exceção. Como defendem os

terraplanistas, o YouTube se tornou o terreno mais fértil para versões “alternativas” da realidade, onde se desenvolvem mensagens disparatadas e provocadoras à margem da “ciência e dos cientistas convencionais”. Sobre qualquer tema, da cura do câncer ao feminismo, passando pela astronomia, o habitual é encontrar as mensagens mais controvertidas entre os primeiros resultados da busca.

Logicamente, todos têm o direito de postar essas mensagens na rede, mas os algoritmos os promovem mais do que os conteúdos relevantes. “Um usuário individual do YouTube, por exemplo, sem respeito pela verdade, o rigor e a coerência, em alguns casos pode chegar a uma audiência comparável à dos grandes meios de comunicação”, critica Alex Olshansky, da equipe de Landrum.

Uma reportagem publicada há pouco em The Verge sobre os moderadores dos conteúdos do Facebook mostrou que muitos desses trabalhadores precários estavam sucumbindo às conspirações que deviam controlar. “Eles me disseram que é um lugar onde os vídeos das conspirações e os memes que veem todo dia os levam, gradualmente, a abraçar ideias estranhas”, descreve o jornalista Casey Newton. Um dos moderadores do centro que ele visitou promove entre os membros a ideia de que a Terra é plana. Outro questiona o Holocausto. E outro não acredita que o 11 de Setembro tenha sido um ataque terrorista.

IRREDUTÍVEIS

“Só confio no que meus olhos veem”, repetem os terraplanistas. Embora –como diz Landrum – nossos sentidos sejam muitas vezes os primeiros a nos enganar, como acontece com as ilusões de ótica. “Eles lançam mão da matemática e nós dizemos: ‘Olhe’”, diz o terraplanista Sargent no documentário, ao explicar seu sucesso. “Você não precisa de fórmulas para entender onde vive”, resume esse homem, que passou por todas as conspirações antes de chegar a esta vendo vídeos na Internet.

“Como as pessoas que negam a mudança climática, você não as convencerá com dados. É preciso buscar a forma de despertar nelas as emoções”, explica a neurocientista Martínez-Conde. E completa: “Nossos circuitos neurais respondem às emoções mais do que aos dados. Esse problema contribuiu para dar margem aos populismos, sobretudo com o fenômeno das redes sociais, que favorece a expansão da desinformação de maneira perigosa.”

Isso não deve causar surpresa: diversos estudos demonstram como a simples exposição a mensagens sobre conspirações provoca nas pessoas uma paulatina perda de confiança nas instituições, na política e na ciência. Com consequências tangíveis. Por exemplo, a crença nas conspirações está associada a atitudes racistas e ao menor uso de preservativos frente à aids. Todos os terraplanistas acreditam em outras conspirações e chegaram a essa cosmovisão através de outras teorias similares. É característica a predisposição para acreditar em diversas teorias conspiratórias ao mesmo tempo, inclusive contraditórias entre si: as mesmas pessoas poderiam acreditar, simultaneamente, que Bin Laden não está morto e que já estava morto quando os militares norte-americanos chegaram à sua casa.

Outro exemplo: boa parte dos terraplanistas é também contra as vacinas. Lobera, que estuda esse coletivo na Espanha, admite que essa cosmovisão conspirativa “é um dos fatores decisivos”, embora não o mais importante. “Existem portas de entrada ao mundo das pseudociências e uma conexão entre essas crenças”, explica o sociólogo.

“Na medida em que o pensamento conspiratório se generaliza, representa um problema para a manutenção de uma esfera pública racional, onde as discussões e os debates se baseiem em evidências, em lugar de lançar suspeitas de que um grupo manipula os fatos

nas sombras para promover uma agenda oculta”, afirma Olshansky em seu trabalho. Nesse sentido, os terraplanistas, por suas crenças extremas, são como o reflexo da sociedade naquelas deformadoras salas dos espelhos dos parques de diversões. Como muita gente já aceita sua mensagem com naturalidade, isso indica que há uma piora real nas condições em que o debate público acontece.

Mas essas crenças não surgem do nada; existem fatores sociais que influem de maneira determinante. Por exemplo, sabe-se que as pessoas que se sentem impotentes ou desfavorecidas têm mais probabilidade de apoiá-las (como as minorias étnicas marginalizadas), e que tais noções se correlacionam com o pessimismo ante o futuro, a baixa satisfação com a vida e a pouca confiança interpessoal. “Devemos entender esses movimentos dentro do nosso contexto socioeconômico. Crescem as disparidades sociais entre os que têm mais privilégios e mais carências. E isso aumenta a desconfiança em relação aos governos e especialistas”, diz Martínez-Conde.

“Vivemos em tempos de incerteza e, no âmbito neuronal, a incerteza nos provoca um incômodo”, afirma a neurocientista. Essas dissonâncias cognitivas obrigam a pessoa a criar um relato próprio de bons contra maus que explica, de forma simplista, os fenômenos complexos da atualidade. E que as coloca no papel heroico de lutadores pela verdade ocultada: as crenças conspiratórias sempre foram associadas a um certo narcisismo coletivo (“os outros são os ignorantes, os maria-vai-com-as-outras”). Além disso, as pessoas que tendem a ver padrões e significados ocultos na verdade são mais propensos a acreditar em conspirações e fenômenos paranormais. “São mais dadas a esse tipo de ilusões causais. Como ver caras nas nuvens, mas de um modo extremo: ver caras em uma torrada e dar a elas um significado real”, explica a pesquisadora Helena Matute, da Universidade de Deuto (Espanha), sobre seu trabalho com o fenômeno paranormal.

A partir disso, encontramos mecanismos psicológicos como o viés de proporcionalidade (se algo extraordinário ocorreu, algo extraordinário deve ter causado) e o de intencionalidade (há uma mão por trás de tudo). “Esse desejo de histórias ordenadas, que ofereçam certeza e visões simplificadas do mundo, pode trazer comodidade e a sensação de que a vida é mais controlável”, resume Landrum em seu trabalho. Assim, as pessoas conseguiriam evitar os altos e baixos da existência, apostando em uma realidade pura, simples... e plana. Como a Terra, segundo querem acreditar.

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/27/ciencia/1551266455_220666.html

MATERIAL 2 – Opcional: podcast A terra é Redonda, Ep 01 – revista Piauí.

<https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/terra-e-redonda/>

Digite o link acima em seu navegador e clique no episódio O Mundo Dá Voltas.

Questões:

1 - Diferentes formas de pensar convivem no mundo atual e conviveram desde o início das sociedades humanas. Nesse convívio, algumas formas tentam se impor sobre as outras, às vezes por convencimento, às vezes usando a força, a obrigação. Algumas formas de pensar se tornam obrigatórias, outras se tornam proibidas. Algumas ficam pra trás à medida

que novas surgem, algumas sobrevivem ao tempo, outras parecem desaparecer e voltar. Como você vê essas relações. Quem pode dizer que modos de pensar são válidos e quais não podem ser aceitos? Por que? - Justifique sua resposta em até 6 linhas .

2 - A questão da tolerância: Teorias que não estão de acordo com os fatos, e por isso podem ser chamadas de enganosas, mas que são importantes para seus seguidores. Como devemos tratá-las? Merecem o respeito, pelo direito de cada ser humano de liberdade de pensamento e crença? Merecem ser enfrentadas pela falta de relação com os fatos, com a natureza, com os dados, a fim de garantir o progresso das sociedades? Devem ser constantemente negadas, ou até proibidas, pois causam preconceitos e espalham ignorância? Devem ser mantidas, pois novas descobertas acabam modificando sempre o que consideramos certo e errado? Justifique suas respostas em até 8 linhas.